

SEMANA RELIGIOSA

BRACARENSE

LITTERARIA E NOTICIOSA

Sexta feira 24 de Maio de 1878

IV VOL. N.º 157.



BRAGA:
TYPOGRAPHIA LUSITANA
Rua Nova n.º 4

—
1878.

Tendo em consideração que o jornal intitulado *A Semana Religiosa Bracarense* é principalmente destinado a interessar o clero d'este Arcebispado no movimento ecclesiastico, que n'elle possa haver; e que por meio do mesmo jornal as Nossas Pastoraes, Provisões d'interesse geral e quaesquer outras medidas governativas, que Nos seja necessario tomar, podem chegar mais facilmente ao conhecimento tanto do clero como dos fieis, e que muito convém á disciplina ecclesiastica d'esta vastissima Archidiocese Primacial; Havemos por bem ordenar que os documentos publicados no mesmo jornal, e que forem por Nós assignados, sejam reputados como verdadeiros e authenticos, para todos os seus effeitos.

Residencia no Seminario de S. Pedro, 22 de maio de 1875.

João, Arcebispo Primaz.

A SEMANA RELIGIOSA BRACARENSE.

D. JOÃO CHRYSOSTOMO DE AMORIM PESSOA, POR mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica, Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Hespanhas, dr. na Sagrada theologia, pela Universidade de Coimbra, do conselho de Sua Magestade Fidelissima, commendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, Grão-Cruz da Ordem Militar de Nosso Senhor Jesus Christo, par do reino, etc.

Ao Clero d'este Nosso Arcebispado de Braga, Primaz das Hespanhas, saude, paz e benção em Jesus Christo, nosso Salvador.

Tendo-se suscitado duvidas e conflictos sobre a obrigação, que teem os Ecclesiasticos, de assistirem á solemne Procissão do Corpo de Deus, que é lei e costume fazer-se em todas as cidades e villas, cabeças do concelho, como é expresso no S. Concilio de Trento sess. XIII. cap. 5 de *Sacramento Eucharist.*, Ritual. Rom. de *Processionibus*, Cerem. Episcop. lib. II cap. 35, e Orden. do Reino liv. I, tit 66.º § 48; sendo do Nosso direito, e tambem do Nosso dever regular o modo como todas as procissões publicas devem ser feitas; e

Considerando que Procissão do Corpo de Deus é a principal e a mais solemne de todas as procissões, que se fazem na Igreja Catholica;

Considerando quanto é grande a solemnidade d'esta Procissão, em que as auctoridades seculares, promovendo-a e assistindo a ella com caracter official, não só dão um testemunho da sua fé religiosa, mas tambem affirmam de um modo muito louvavel o accordo e a harmonia entre a Sociedade civil e a Igreja Catholica;

Considerando que Nós e todo o Clero d'esta Archidiocese devemos ter o maior empenho, em que este acto de adoração publica ao mais augusto e sublime de todos os mysterios, seja feito com toda a pompa e esplendor, que o culto catholico permite e approva;

Considerando que as festas particulares, feitas ou por determinação de Estatutos e Compromissos, ou por costume e devoção particular, não devem de modo algum diminuir a solemnidade com que a Procissão do Corpo de Deus deve ser feita;

Considerando que se acha geralmente adoptado o costume, que Nós temos não só approvado, mas tambem recommendado, sobre a hora em que tal procissão solemne deve ser feita com menos incommodo d'aquelles, que a ella teem obrigação d'assistir;

Tendo ouvido o parecer do Nosso muito revd.º dezembargador vigarario geral e de outras pessoas tementes a Deus, e sabedoras das leis e ritos ecclesiasticos; e

Usando do Nosso poder Ordinario;

Havemos por bem ordenar:

1.º Que todos os Ecclesiasticos de qualquer idade e graduação que sejam, e habitem na área por Nós marcada em a Nossa Portaria de 23 de Maio do proximo passado anno de 1877, assistam com suas sobrepellizes ou insignias á Procissão do Corpo de Deus nas cidades e villas

d'este Nosso Arcebisado, onde haja Camara Municipal, que assista tambem á mesma procissão ;

2.^o Que ficam transferidas para o domingo *infra octavam* todas as festas particulares, que por Estatuto, Compromisso ou costume antigo houvessem de ser feitas no dia de Corpo de Deus,—dentro da mesma área já marcada ; (1)

3.^o Que os Ecclesiasticos, que, habitando na predicta área, sahirem n'aquelle dia, ou para se escusarem de assistir á Procissão, ou com o fim de assistirem ás festas particulares, que se fazem fóra da mesma área, ficam incursos nas penas canonicas, impostas pelo direito e pelas Constituições d'este Nosso Arcebisado, tit. XXI, const. 2.^a num. 2. ;

4.^o Que, para este fim, não serão valiosos quaesquer privilegios concedidos a certas pessoas, ou a logares, por ser esta a mente de quem os concedeu.

Dada e passada sob o Nosso signal e sello das Nossas armas em o Paço Archiepiscopal de Braga aos 16 de Maio de 1878.

Logar do ✕ Sello.

João, Arcebispo Primaz.

(1) A área marcada para o clero vir assistir á procissão, é de 8 kilometros, distancia do centro da povoação, menos em Braga, que é o clero de todo o concelho.

A «Semana Religiosa Bracarense».

Entra hoje este hebdomadario no 4.^o anno da sua publicação.

Não é por certo uma existencia prolongada ; mas ninguem ainda assim poderá dizer, que tenha sido inutil a sua vida d'efforços e trabalhos.

Ao entrar na arena da publicidade, a *Semana* desenrolou o seu programma.

E, se então mereceu applausos, a consciencia assegura-nos da fidelidade com que o havemos cumprido.

Tres volumes completos fórnam já um bello archivo de factos notaveis, de estudos conscienciosos, de boas e salutaes doutrinas, que a todos devem interessar.

Póde dizer-se, que a historia da Igreja, em geral, e particularmente a d'esta diocese, nos tres annos decorridos, se acha ahi compendiada ; e que o clero tem hoje á mão todas as disposições da auctoridade competente n'este decurso de tempo.

Não será esta com certeza a parte menos importante, por isso que n'ella se comprehendem as regras da boa disciplina, que o verdadeiro sacerdote precisa consultar a miudo, para as não trahir nunca.

Alguem quereria vêr na *Semana* um desenvolvimento maior de doutrinas, de geito a collocar-se a par dos grandes progressos, das assinaladas conquistas, que a sciencia e a religião vão fazendo todos os dias no campo da verdade.

Louvores merecem de certo esses desejos, que são os nossos, mais que de ninguem.

Todavia esses melhoramentos requerem um maior concurso de vontades, que nos allivie um pouco dos sacrificios que já estamos fazendo, e que nos impidem trabalhos mais elevados.

Sim, quizeramos que a *Semana* correspondesse ao que deve ser uma Revista Religiosa nos tempos actuaes.

Desejámos eleva-la á altura do grande movimento scientifico do nosso seculo, e torna-la d'esta fórma um manancial abundantissimo de utilissimos conhecimentos.

Mas imaginará por ventura alguém, que tudo isto depende apenas e exclusivamente de mais algum esforço da parte da empresa?

Prouvera a Deus assim fôra, que em tal caso tudo seria remediado. Ninguém imagina as custosas despezas que importa uma publicação, por pequena que pareça.

E quem ha de occorrer a estas despezas? os que escrevem? Não pôde ser.

Para esses fique o trabalho com o dispendio a que particularmente os obriga o serviço de redacção.

Como o soldado que se apresta para o combate, o escriptor catholico necessita abastecer-se de livros e outras publicações, que o tragam ao correr das grandes questões, e lhe forneçam muitas vezes o indispensavel, a fim de poder entrar com vantagem na lucta.

Que os que lêem contribuam pois com outro tanto e a imprensa religiosa medrará.

A *Semana* ainda nutre esperanças.

Confiada na dedicação das pessoas religiosas e principalmente do clero a quem é em particular dedicada, crê poder vir ainda a satisfazer os justos desejos que a animam.

A necessidade que ha de bons jornaes, torna-se de dia para dia mais imperiosa.

E quando esta necessidade calar bem profundamente no animo de todos aquelles para quem este mundo é apenas uma ponte lançada entre o tempo e a eternidade, então a imprensa catholica recobrará forças.

A *Semana* tem um passado humilde, mas honrado.

Caminhando de vagar, tem caminhado sempre.

E, embora as difficuldades da jornada, continuará impavida a sua derrota, sem que lhe entibiem a coragem, as rastingas e baixios que se lhe antolham na passagem.

A tormenta do erro cada vez é maior.

O atheismo, forte com a apostasia geral das nações, tende a ganhar terreno, invadindo as classes, e procurando fazer morada em toda a parte.

A guerra, feita a Deus, cresce com o orgulho humano, que se debate com furia, para sacudir o jugo da Auctoridade Divina.

N'esta crise, pois, seria um crime ensarilhar as armas.

Quando os inimigos cerram fileiras para assaltarem os muros da Cidade Santa, cresce aos seus defensores o dever de se darem as mãos para melhor se auxiliarem na refrega.

Pela sua parte a *Semana* permanecerá, quanto lhe permittam as forças, fiel a este dever.

Soldado obscuro, mas de vontade, tem a sua bandeira que é a Cruz, o seu chefe que é a Igreja.

E pela Cruz e pela Igreja peleará, enquanto a vida se lhe não esvaír de todo.

E' animada d'estes sentimentos que enceta hoje o 4.º anno da sua publicidade, para melhor resultado do qual, espera obter a benção do seu venerando Prelado, e a coadjuvação de todos quantos por motivos da propria consciencia são devotados á causa da Religião, que é a causa de Deus e da sociedade.

M. Marinho.

A Maledicencia.

A meu bom amigo dr. Alexandre d'Assiz e Leão.

Deprimir virtudes, morder reputações, denegrir a honra, propalar vícios, que se não tem, detrahir e infamar o bom nome, são factos condemnaveis não só como attentatorios da dignidade pessoal, mas tambem como a maior das infamias, que se pode commetter contra o individuo e contra a familia.

A maledicencia — esse mar tempestuoso, cujas ondas encapelladas vão muitas vezes bater e quebrar-se contra o credito do nosso semelhante, fazendo tremer no seu pedestal a sua honra, dignidade e boa fama; — a maledicencia, — essa boca do inferno, que cospe fogos e incendios, que vão devorar as reputações mais solidamente estabelecidas, e ennegrecer as que não pôdem reduzir a cinzas, — entra em toda a parte, armando insidias e cavando abysmos; e por onde quer que passa, só causa dôres, só derrama lagrimas e só deixa ruinas, onde faz sepultar a dignidade moral do individuo — a melhor riqueza, que n'esta vida se pode conseguir á custa das mais acrisoladas virtudes.

Esse monstro hediondo, vomitado pelas furias infernaes, abala e quebra amizades, semeia discordias entre as familias, desafia odios, excita malquerenças, arrasta-nos a vinganças mesquinhas, revolta os pacíficos, inficiona a honra, insulta e detrahe a boa reputação, e arma o filho contra o seu proprio pae, o irmão contra o irmão, a familia contra familia!

E' horrivel esta nefanda paixão!

Atribula-se e contrista-se o nosso espirito, pensando n'esta chaga, que corroe e gangrena a sociedade; que devora a paz e a harmonia dos seus membros, — que nos precipita n'um barathro medonho, onde só se respiram inimizades, odios e vinganças!

Pôde o homem esconder as suas riquezas, aferrolhar os seus thesouros, repellir com força os salteadores que pretendem rouba-los; furtar-se mesmo ao bacamarte do assassino; mas aos tiros da calumnia, aos golpes da maledicencia não podem resistir nem, a força robusta, nem a coragem provada, nem a fuga rapida, nem a mais incontestavel probidade, nem a melhor das reputações!

Nada escapa a esta hydra, que tudo devora: honras, glorias e boas reputações!

Ninguem póde furtar-se ás tão cavilosas, como infames armas da maledicencia! nem o sabio, que se entrega no seu gabinete ás mais profundas meditações; nem o virtuoso, que se esconde aos olhos do mundo para mais facilmente conseguir a sua salvação eterna; nem o rei, que faz a felicidade dos seus povos; nem os capitães famosos, que engrandeceram a sua nação, augmentando consideravelmente as suas conquistas; nem os proprios sanctos, que vivem em gloria com Deus; e, o que é mais para contristar, nem Deus mesmo escapa aos seus tiros!

Monstro mais horrivel e mais fatal á sociedade não podia de certo ser produzido, senão pelo inferno, que sempre se tem empenhado para perder o homem!!

E' por isso que as Sagradas Escripturas combatem energicamente e condemnam repetidas vezes esta paixão vil, este sentimento depravado —o da maledicencia.

E assim affirmam ellas que o detractor é o mais abominavel dos homens (1); comparam-n'o á serpente, que morde á calada (2); teem-n'o como um fogo devorador e como um mundo de iniquidades (3); e ordenam que fujamos sempre, e não nos aproximemos d'elle (4).

Eis ali como os livros sanctos fallam da mais vil das paixões.

A maledicencia, que degrada e envilece a quem possui tão perniciosa paixão, vae affrontar em cheio a mais sublime das virtudes, a mais preciosa flor do christianismo, a mais querida e abençoada filha da augusta religião do Crucificado — a caridade! Esta, que é sempre paciente, benigna e dedicada; (5) que não é ambiciosa, que tudo soffre e tudo supporta; que verte lagrimas nas angustias, derrama consolações nas desgraças, espalha esmolas, conforta as enfermidades, visita os carcerees e veste a nudez; que aconselha a resignação e a paciencia no meio das angustias da existencia e que soffre todas as injurias; — é sempre recatada, sempre modesta, sempre humilde, e sempre virtuade, que regenera, consola e salva o homem das iniquidades, que o cercam, do abysmo que o pretende tragar, e das tentações, que o inferno lhe arma.

A maledicencia, pois, sempre opposta, sempre inimiga d'esta grande virtude da caridade, toma differentes fórmãs, serve-se de mil armas para poder conseguir os seus satanicos fins.

Narra os factos, pondo-os sob tal ponto de vista, que os faz parecer condemnaveis; junta á sua narração taes conjecturas, que os desfiguram; pinta-os com cores tão negras, que horrorisam; e accompa-

(1) *Prov. XXIV—9* Cogitatio stulti peccatum est: et abominatio hominum detractor.

(2) *Ecclesiastes X—11* Si mordeat serpens in silentio, nihil eo minus habet qui occulte detrahit.

(3) *S. Jacob. III—6* Et lingua ignis est, universitas iniquitatis!

(4) *Prov. IV—24* Remove a te os pravum, et detrahentia labia sint procul a te.—Conf. cum *Prov. XXIV—21* e *22* Time Dominum, fili mi, et regem: et cum detractoribus non commiscearis; quoniam repente conserget perditio eorum, et ruinam utriusque quis novit?

(5) *I Ad cor. XIII—4* e seq. Charitas patiens est, benigna est; non est ambitiosa; omnia suffert, omnia credit, omnia sperat, omnia sustinet. etc.

nha a sua narração de taes gestos e reticencias que nos levam a suppor mal do que é bem!

E' assim que o homem abusa do melhor dote que recebeu da summa bondade de Deus; é assim que elle desvirtua a melhor prerogativa humana; é assim que elle emprega mal a faculdade de fallar, com que Deus o dotou para conseguir o mais nobre dos fins—a vida eterna!

Parece á primeira vista que nada ha mais forte, nem mais formidavel do que uma espada, bem manejada por um habil guerreiro; nada mais poderoso do que uma *metralhadora*, varrendo as fileiras dos inimigos em batalha campal; nada mais robusto, do que a força desenvolvida pela electricidade.

Ha, porém, uma causa bem mais formidavel e bem mais forte do que tudo isso; — é a palavra!

Com ella opera-se a união mais intima dos homens e das sociedades.

Com ella, com a palavra, abate-se a soberba, eleva-se a humildade, instrue-se a ignorancia e protege-se a fraqueza!

Com a palavra, move o general as suas hostes aguerridas a ferir batalhas e ganhar victorias.

Com a palavra, alarga-se e aprofunda-se a intelligencia, desenvolve-se a industria e fomenta-se a civilisação dos povos.

A palavra é a luz que espanca as trevas do erro, guia que nos conduz nas agitadas scenas da nossa attribulada existencia, conforto para cada desalento, conselho para cada desesperança, e balsamo que cicatriza todas as feridas do coração.

Ella umas vezes exprime os nossos desejos e as nossas ternas affeições simplesmente e sem ornatos; outras vezes guinda-se ás altas regiões, vestindo as galas e louçanias da mais rica poesia.

E' por ella, pela palavra, que ascendem ao excelso throno do Omnipotente os suaves e agradaveis perfumes do nosso piedoso reconhecimento e profundo amor para com Elle; e foi d'ella mesma que o proprio Deus se serviu para ensinar a verdadeira religião aos homens, regenerar a sociedade e prégar a lei do amor universal.

Mas quando a perversidade dirige a palavra, e esta é proferida pelos lábios impuros da calumnia, não ha males que não cause, injurias que não commetta, e attentados que não realise!

Não ha seres mais abominaveis, nem mais perversos do que os maldizentes; os seus olhos accendidos parecem assassinar-nos; a sua voz prende-se-lhes na garganta, como que recusando-se a commetter as vilezas, que elles intentam; os seus discursos são o tufão que tudo arrasta, tudo destroe e tudo arremessa ao abysmo da deshonorá!

São incalculaveis os estragos e prejuizos, que causa tão hedionda, como perversa paixão!

Leva muitas vezes a consternação e as lagrimas ao seio das familias, convertendo as doçuras da amizade nos furores da vingança; transformando a familiaridade na desconfiança, e tornando a fé e a lealdade em suspeita; — murcha e fana as mimosas flores da reputação de uma donzella, cresta as suas radiantes esperanças, e aniquila o seu futuro risonho; — abala e faz perder o credito de um negociante, paralysa-lhe o commercio, excita contra elle a má fé, e muitas vezes abre-lhe uma fallencia; — perturba o socego e a paz dos esposos, separa aquel-

les sempre unidos corações, faz-lhes derramar copiosissimas lagrimas, e infelicita as pobres creanças filhas d'esta malfadada união!

Quem haverá ahi, que não estigmatize comnosco a tão nefaria paixão da maledicencia?

Quem ha ahi, que não condemne esta tão infame, como asquerosa *lepra*, que é o maior escolho contra o qual se quebra a mais preciosa das virtudes, — a caridade christã?

Tudo quanto temos alcançado, e podemos ainda conseguir em favor da honrada memoria, que do nosso nome queremos legar á posteridade, tudo a maledicencia deshonesta e infama, tudo perde e esterilisa, tudo nos rouba e aniquilla; razão, honra, reputação, sentimentos generosos, tudo! . . .

Chega a sua maldade ao requinte de infimas baixezas; não se contenta só em vituperar e diffamar os vivos; vae mais além; cava as sepulturas, desenterra os mortos; envolve as suas cinzas já frias no lodo da maledicencia; e publica por praças e gazetas infamias e vilezas d'aquelles infelizes, que já não podem justificar o bom nome, que legaram á sua familia honrada!

Aquella boa memoria, aquelle abençoado nome, a herança mais preciosa que nós nos esforçamos por legar á nossa familia, — essa mesma vae a infame roubar, calumniar e aniquillar!

Do homem, que não vae todo ao cemiterio, a sua parte mais nobre fica vivendo, e viverá eternamente. E' por esta razão que todas as gerações têm prestado homenagem, e a Igreja mesmo tem posto sobre os seus altares, passados centenares d'annos, aos homens virtuosos, justos e bemeitores da humanidade; porque a honra mais elevada, a que se aspira no mundo, é aquella que temos depois da morte. Nada mais louvavel do que semear e colher para uma epocha, em que nada d'isto se poderá fazer.

Mas se foi sempre cobardia offender e atacar quem mal pode resistir e defender-se d'esses ataques e offensas; tambem não ha vileza maior do que ir revolver no tumulto as frias cinzas do homem, a quem Deus julgou já, e infamou-o no sepulcro e perseguil-o ainda além na eternidade! . . .

Mas a tudo isto se arroja a temeraria e infame maledicencia!

Não ha na linguagem humana termos, que possam tradusir a indignação da gente sensata contra tão nefaria paixão; não ha palavras que exprimam bem o desprezo, a vileza e a infamia da negregada maledicencia!

A tudo se abalança esta tão temivel, como perñida paixão!

A honra da mãe de familia é, na boca d'esta calumniosa paixão, uma mentira; a virtude da joven donzella é posta em duvida; a boa fama dos heroes e dos grandes homens é desmentida pelos maldizentes; a probidade, a generosidade, a boa reputação, — n'uma palavra —, são esfarrapadas e arrastadas no lodo das ruas e praças pela canalha, que tripudia, destruindo assim tão ricos thesouros!

E' horrivel esta missão de taes infelizes!

Todos os vicios, que, para existirem, precisam de concorrência, de multidão, são os mais abominaveis; porque são muitos a cooperar para a perdição de todos.

O homem pôde ser ebrio, sem comtudo concorrer para que outros

o sejam, soffrendo elle só as tristes consequencias do excessivo uso, que faz, das bebidas.

Póde mesmo ser avaro; sentir prazer ao contemplar os seus thesouros; mas a elle só o prejudica, e a mais ninguem, a sua avareza.

Já assim não succede com a maledicencia e com o jogo.

O jogo só cria raizes, só se estende e propaga no meio de cooperadores dedicados, no centro de numerosa multidão.

E é tão prejudicial esta paixão do jôgo, lavrando por todas as camadas da sociedade, que ella encadea o coração dos infelizes sobre quem impera, cega-lhes o espirito, embriaga os sentidos, dissipa a fortuna, destroe a paz, mancha e deslustra a honra, enfraquece e debilita a vontade, perverte o bom senso, abate a grandeza d'alma, e muitas vezes conduz ao suicidio.

A maledicencia, porém; é peor, mil vezes peor que o jogo; porque se este mira principalmente a dissipar a fortuna; aquella tem por fim exclusivo manchar e denegrir a honra.

Precisa tambem, como o jogo, da multidão a quem communique as suas aventadas vilezas e chimericas infamias; tambem, como elle, cresce e se desinvolve com a concorrencia; mas a maledicencia é mais execravel que o jogo, porque este muitas vezes é passatempo, e aquella é quasi sempre uma vingança.

D'onde provirá, porém, a maledicencia?

Qual será a origem d'este grande mal, que inquieta e desassocega as familias, e altera a tranquillidade do individuo?

Primeiramente o desprezo pela religião é a causa de se dizer e affirmar muitas indignidades, que não tem fundamento algum.

Concorre em segundo logar para o desinvolvimento da maledicencia um certo character vicioso das pessoas, que infelizmente possuem tão execranda paixão; porque, não crendo sinceramente na virtude, nem que haja quem se dedique do coração ao culto do Deus Vivo, taes creaturas occupam se unica e exclusivamente em affirmar infamias das pessoas, que são realmente religiosas.

E em terceiro logar é fonte da maledicencia uma certa falta de instrucção, que, não permittindo que se falle das *cousas*, só leva a fallar das *pessoas*. E d'ahi vem a maledicencia com todos os seus horrores, vilezas e infamias, que temos esboçado!

Mas cabe agora aqui a proposito uma pergunta: estará o maldizente obrigado em consciencia a dar uma reparação ao innocente offendido?

A resposta a esta questão é, por sem duvida alguma, affirmativa.

O direito natural e positivo ordenam que se deve dar uma reparação condigna a todo o damno, causado aos nossos semelhantes.

E na verdade, se não repararmos tanto, quanto cabe em nós, os prejuizos de qualquer ordem, que sejam, causados ao proximo; opprimemos certamente uma immensa responsabilidade, que não cessará de molestar-nos, em quanto não satisfizermos aos preceitos d'aquelles dous direitos, natural e positivo.

Toda a reparação, porém, é difficil, e a sua execução é-nos sempre molesta e muito penosa.

Mas a mais difficil das reparações é aquella que se deve a quem

a maledicencia manchou e conspurcou a honra; porque, quem deve fazer a reparação, tem de lutar com o seu amor proprio, tem em certo modo de chamar a si os golpes da calumnia que elle dirigiu a outrem, tem de diminuir a boa opinião que d'elle se formava; e tudo isto é uma luta pertinaz entre os deveres de bom christão e o orgulho desmedido da natureza humana!

Se um interesse não pode ser reparado, se não pode ser indemnizado, senão á custa de outro interesse; a reputação, ennegrecida pela calumnia, não pode certamente ser lavada senão á custa de outra reputação.

E' este um acto violento, que tem de praticar aquelle que em certo modo quer assegurar a sua salvação eterna; porque Deus mal perdoa as injurias e as infamias, que foram commettidas não só contra Elle, mas tambem contra uma creatura, feita á sua imagem e semelhança.

Aquelle que tem de indemnisar o innocente offendido na sua honra, — a mais preciosa fortuna que possuía, — ha de retractar tudo quanto havia affirmado; tem de neutralisar o veneno, que propinou, com o antidoto, que salva; tem, deixem-nos assim dizer, de procurar para o innocente o bom nome, que não só lhe fez perder, mas tambem o inhibio de o reaver; e o que é mais violento é que tem de architectar a reputação do seu semelhante, por elle menosprezada, á custa da sua propria reputação!

Mas esta indemnisação não deve ser tardia, nem demorada, porque então será impossivel; assim como a medicina é sempre improficua, quando applicada tarde.

Demorada, será impossivel a reparação; porque então já não basta restabelecer o credito abalado e offendido, mas é rigoroso dever do maldizente pagar as perdas, danos e prejuizos, que se seguiram aos seus actos maledicos e calumniosos.

Prouvera a Deus que nunca os homens, que correm hoje tão desvaírados na estrada da sua condemnação eterna, usassem de tão satanica arma, como é a maledicencia, para n'um dado momento fazer tremer e cahir por terra a mais solida, a mais firme das reputações!..

Não ha arma mais terrivel, nem mais traiçocira do que esta, que foi forjada e fornecida aos homens pelo proprio satanaz para perdição do genero humano!

Aos seus tiros tudo succumbe, tudo secca, tudo se esterilisa; é como o sol ardente do deserto, que faz murchar as boninas que n'elle desabrocham; é como o furacão, que tudo assola, devasta e arruina; é peor que a morte, que só extingue a vida do corpo, mas que acção nenhuma pode exercer sobre a alma!

Ai! dos homens, que usam de uma arma tão terrivel em detrimento do credito do seu semelhante! para esses já não ha tranquillidade de consciencia, já não ha paz do espirito, já Deus não vê com os olhos da sua infinita misericordia!..

Suas iniquidades serão pezadas na balança da Sua inquebrantavel justiça; no julgamento d'ellas haverá justiça, e só justiça, mas nunca misericordia!; porque então n'esse juizo final, em que todos temos de comparecer, os innocentes offendidos clamarão ao Juiz Eterno: «nós tínhamos

honra, e estes mancharam-a; nós tínhamos boa reputação, e estes denegriram-a; nós tínhamos a estima de todos, e elles perderam a; legamos á nossa familia uma honrada memoria, e elles, Senhor, ainda na paz dos tumulos vieram estigmatizar e deshonrar quem não tinha voz para fallar, nem meios para se justificar!»

E o Deus vingador então condemnará a um castigo eterno, cruciante, terrivel aquelles, que malbarataram e tiveram em pouco a honra dos seus semelhantes.

Oh!! Deus se compadeça das suas almas; Deus os regenere com a sua divina graça, para que elles se arrependam das suas iniquidades, e fujam do caminho da perdição; para d'este modo asseguraram a sua salvação eterna, que lhes desejamos bem do coração.

E A.

A EGREJA CATHOLICA

Unico poder tolerante e liberal.

(Continuação.)

XXXVII.—EXEMPLOS MODERNOS.

Apesar do appello que a Igreja deve muitas vezes fazer ao braço secular para sua legitima defeza, os exemplos do espirito de misericordia innato n'ella, não cessaram em tempo algum.

Não são menos numerosos e palpaveis nos tempos modernos, do que nos dias da sua infancia.

Paulo III escreveu a Francisco I em favor dos protestantes pedindo, para elles, *graça e perdão*. (1)

Sully (OEconomies royales, t. V p. 136) diz «que Clemente VIII « tinha sempre dissuadido que se usasse das armas e da perseguição para « conduzir á fé catholica os da religião reformada».

De L'Estoile diz, fallando do mesmo papa, que «os da religião reformada não o odiavam, porque elle sempre se portára em favor « d'elles mui complacientemente. Elle lhes outorgava passaportes para irem « e virem livremente a Roma». *Memoires et journal de L'Estoile* (Collection Michaud et Poujoulat. t. XV, p. 383)

« Concedei a todos a tolerancia civil, disia Fénelon, não approvan- « do tudo como indifferente, mas soffrendo com paciencia tudo o que « Deus soffre, e procurando conduzir os homiens pela persuasão» (2).

« A religião, diz Racine, deve conservar-se e propagar-se pelos « mesmos meios por que foi estabelecida; a prégão acompanhada de « discrição, de prudencia, a pratica de todas as virtudes, e sobretudo uma « paciencia sem limites».

O papa Innocencio XI, Bossuet e Fénelon protestaram contra o recurso á força para preparar a conversão dos protestantes. Clemente VIII

(1) Vid. Cheruel *Admin. de la France*. Ip. 171.

(2) Ramsay. *Vie de Fénelon*.

reconhecera a prudencia que tinha dictado a Henrique IV o edito de Nantes que lhes concedia a tolerancia civil. A Santa Sé julgou, mais tarde, que a revocação d'este edito não era justificada nem para o interesse da Igreja, nem para o interesse do reino. (1)

Aqui ainda nós poderíamos multiplicar os factos e as citações d'este genero,—o que só espantaria aquelles que tomam as suas prevenções pela realidade, porque vivem fóra da Igreja, no meio dos detractores d'ella.

E elles estão cercados d'instituições caridosas para todas as necessidades e todas as miserias da humanidade, instituições servidas por uma milicia d'heroes e d'heroínas da dedicação christã! Este espectáculo não lhes dirá nada?

Quantos nomes cuja fama universal deveria bastar a lhes abrir os olhos? Quem não conhece as vidas maravilhosas de S. Martinho, de S. Vicente de Paulo, dos Bartholomeus de las Casas, dos Belzunce!

Escolhei ao acaso em qualquer epoca e em qualquer nação christã, e vós ahí achareis não sómente heroes, mas ainda martyres da caridade evangelica. Quanta ingratição não é precisa, entre os contemporaneos do doce e santo Pio IX, de Monsenhores Affre e Darboy, de Rosalia Rendu e de Nathalie Narischkine, e da admiravel instituição das *Irmãsinhas dos pobres*, para ousar denigrir a Igreja que os produziu. Que venda é preciso ter sobre os olhos! que circulo de bronze ao redor do coração!

Que o meu sangue seja o ultimo derramado! disia com a sua voz pacifica e moribunda o martyr das nossas discordias civis em 1848.

Elle não foi escutado. Vinte annos depois, o sangue d'um outro arcebispo, de cincoenta padres ou religiosos era ainda derramado pela guarda avançada d'um partido que accusa a Igreja d'intolerancia, e nem ao menos reprovou francamente estas mortes execraveis.

S. Francisco de Sales tinha por divisa: *Tudo por amor e nada pela força*; a do seu successor exilado é: *Veritas et misericordia*; a de Monsenhor Guibert: *Suaviter et fortiter*. Nos escudos christãos do episcopado é que melhor pintou o espirito evangelico que o anima, alliando simultaneamente o odio do erro ao amor dos que erram.

XXXVIII.—ATTITUDE DO LIBERALISMO LEIGO NO TEMPO PRESENTE.

Se os nossos adversarios de boa fé conhecessem a Igreja, modificariam os seus juizos ácerca d'ella. Mas muitas vezes julgam-na segundo elles mesmos; cada um lhe empresta os seus proprios instinctos, as suas proprias paixões,

Vede os nossos liberaes, e os nossos radicaes.

Não só não protestam contra as perseguições odiosas de que são victimas os catholicos fóra da França; mas pelo contrario se regosijam com ellas, e pedem iguaes medidas, entre nós, contra aquelles que denominam os *clericaes*. Eis o seu liberalismo.

Estes meus senhores auctorisam-nos a pensar que elles teriam considerado com o mesmo prazer ou com a mesma impassibilidade as crueldades commettidas contra os catholicos outr'ora pelos donatistas, os

(1) Sixto-Quinto e Henrique IV. por Segretani p. 298.

montanistas, os albigezes e outros hereticos, quando não houvesse mesmo tomado parte n'ellas.

Quem pode culpar a Igreja, mãe espiritual das victimas, por ter invocado o soccorro do Estado para as defender, respondendo, se fosse necessario, á violencia com violencia, á morte com a morte? Se a repressão faz, a seu turno, victimas; em quem recae a responsabilidade, se não no aggressor?

Em resumo, nos dramas a que a religião serviu de causa ou de pretexto, tres actores entraram em scena; a Igreja, os seus inimigos, e o Estado.

Os seus inimigos fôram sempre aggressores e muitas vezes sanguinarios.

O Estado foi o vingador, ora justo, ora cruel talvez.

A Igreja foi a victima, depois arbitro ora escutado, ora incomprehendido e desattendido.

Eis o papel de cada um.

Como é pois que só a ella se accusa? E' que a Igreja é um censor severo, a sua voz importuna; forceja-se por extingui-la no espirito das massas ignorantes e embaidas de abusos, tirar-lhe a sua independencia.

Para conseguirem isto, tudo é bom: o ultrage, a calunnia e a perseguição.

XXXIX.—O BUSILIS DA QUESTÃO. DEVE O ESTADO PROTEGER A RELIGIÃO?

Aqui se nos faz uma nova objecção inteiramente differente d'aquellas a que havemos respondido já.

Diz-se: Deve o estado proteger a religião? Tem elle rasão para livremente se fazer o braço da Igreja? E ha crimes e delictos religiosos? Merecem elles tanto como os outros a repressão?

A todas estas questões os nossos paes respondiam: Sim. Elles acreditavam mesmo que nenhum acto é mais culposo do que aquelles que tendem á affronta e ao desprezo da religião, porque nenhum os iguala em gravidade por suas consequencias individuaes e sociaes.

Uma certa opinião publica pensa hoje em dia d'um modo contrario; é um progresso, ou um signal de decadencia? E' isso que vamos ver. Em todo caso, os nossos avós tinham o direito de ter uma convicção a este respeito. O suffragio verdadeiramente universal d'então era-lhes favoravel; não era facticio como hoje, nem o fructo dos reclamos e das ameaças da imprensa.

Independentemente do direito que os nossos paes tinham de pensar assim, ha dois generos d'argumentos que justificam o seu modo de ver:

O primeiro, é a opinião de todos os pensadores, homens de bem e circumspectos.

O segundo é o actual estado da nossa sociedade.

Entre os pensadores poderiamos citar nomes religiosos, que são a honra da Igreja e do espirito humano.

Mas certa classe dos novos leitores se desembaraçariam de seu testemunho pelo epitheto tão commodo de *clerical*. Para um certo publico isso dispensa razões.

PRELADOS BRACARENSES

CII

D. João Affonso de Menezes, 102.^o arcebispo de Braga, pelos annos de 1582 até 1587,

Sendo } Sum. Pontif.—Gregorio XIII—Xisto V.
 } Reis de Port.—(de facto) Filippe I.

Foi D. João filho de D. Fernando de Menezes, arcebispo de Lisboa, que tinha sido bispo do Porto, e era filho segundo do 1.^o conde de Penella.

Ha d'elle cousas pouco notaveis, principalmente occupando elle a Sé de Braga, quando durava ainda o grande clarão, que, depois do seu occaso, deixou diffundindo aquelle astro luminoso, D. Fr. Bartholomeu dos Martyres.

Pela renuncia d'este em 1582 foi nomeado arcebispo de Braga por D. Filippe, sendo confirmado por Bulla de Gregorio XIII, e sagrado depois com grande aparato na capella real de Lisboa.

Fez a sua entrada em Braga a 25 de Abril do mesmo anno, e falleceu a 14 de Julho de 1587.

Jaz seu corpo sepultado na capella-mór da cathedral bracarense.

Como se deixa de ser revolucionario?

Responde Mgr. Ségur:

Para as sociedades, voltando a ser catholicos e verdadeiramente catholicos. Para o individuo indo á confissão; não ha outro meio.

A revolução é a revolta, é o orgulho, é o peccado; a confissão e com ella a muito doce e santissima Communhão, é a humilde submissão ao seu Creator, é o amor, é a pureza, é a ordem.

Conheci um d'estes felizes convertidos, fugindo do campo revolucionario; tinha-se entregado a todos os excessos da revolta do espirito e do coração; tinha rejeitado a Igreja como uma antigualha malefica, a auctoridade como um jugo aviltante. Representante do povo, assentando-se na Montanha, tinha sonhado não sei que regeneração social. Contudo no seu coração tinha bom fundo; sincero nos seus desvarios, bem depressa viu abrir-se diante d'elle os abysmos, que não suspeitava; viu de perto os revolucionarios, os seus projectos e as suas obras. Partidario dos famosos principios de 89, viu sair as fataes consequencias de 93, viu a revolução na pratica;... e o bem rejeitado pelo excesso do mal, estende seus braços para esta Igreja que tinha despresado; elle se arrepende, examina sua consciencia, acredita e depõe aos pés do padre, com o peso de seus peccados, as medonhas librés da revolução. Ha dez annos que elle achou, a paz e ventura da sua alma. Fez-se auctor de um bem immenso que possui, votando-se com sancto ardor ao serviço de Jesus Christo.

Nas fileiras pouco christãs dos nossos mancebos democratas, quan-

tos nobres corações abusados pelas utopias revolucionarias, procuram sem poderem achar, esta paz, esta felicidade! As aspirações de sua alma não serão satisfeitas, senão quando se submeterem ao juizo ditoso do Salvador, e quando, vindo a ser verdadeiros catholicos, experimentarem o poder divino da palavra evangelica:

«Vinde a mim, vós todos que soffreis e trabalhaes, e Eu vos aliviarei; recebei o meu jugo, aprendei de mim que sou manso e humilde de coração, e achareis a paz de vossas almas.»

Tudo isto que é verdade a respeito do individuo, o é a respeito da sociedade; o filho prodigo, o mundo moderno, miseravel, ausente da casa paterna, longe da Santa Igreja, só achará socego e paz aos pés de Jesus Christo e do seu Vigario.

DEMONSTRAÇÕES DE SENTIMENTO PELA MORTE DO SS. PADRE PIO IX.

Santo André da Campeã.—No dia trigesimo do fallecimento do Santissimo Padre Pio IX cantou-se uma missa de *requien*, com officio solemne e responsos, por alma do santo pontifice, na igreja parochial de Santo André da Campeã. Assistiram a este acto varios parochos e o clero de freguezias proximas, os quaes celebraram missa pelo mesmo finado pontifice, e muito povo.

NOTICIAS E FACTOS DIVERSOS

Por ser de interesse religioso e a pedido do auctor, publicamos o seguinte:

Aviso aos leitores da Revista Catholica.

Para que os leitores d'esta Revista não pensem que garanto a orthodoxia de todas as obras, que se acham annunciadas na capa do numero 4.^o d'ella, declaro que n'esta data escrevo ao snr. Chardron uma carta, cuja copia fiel é como segue:

Snr. Ernesto Chardron:—Parece-me que v. s.^a se equivocou pensando que eu tivesse examinado e julgado dignas de serem annunciadas na capa do numero 4.^o da «Revista catholica» todas as obras que lá se encontram mencionadas; devo dizer a v. s.^a que não enviei para a imprensa relação de todas ellas. Espero que v. s.^a terá, para o futuro, todo o cuidado em que não se annunciem nas capas d'ella obras algumas sem que eu as julgue dignas de n'ella se annunciarem, segundo o nosso ajuste e se praticou a principio.—Sou—etc.

Canedo, —13—5—1878.—P.^o *Christim Caetano Ferreira Tavares.*

ANNUNCIOS

Primeiro vol. dos *Sermões do padre Martinho*, com o retrato, já está á venda: preço 1:200.

Até ao dia 20 do corrente ainda se recebem assignaturas pelo preço de 800 reis cada vol. O segundo vol. estará á venda no fim de Maio e o treceiro no fim de Junho.